

O coronavírus – de que lado estão os anti-transgênicos?

Maria Thereza Macedo Pedroso -

04/04/2020



A medicina conheceu avanços e vitórias com o uso de organismos geneticamente modificados.

Esse artigo é minha homenagem a todos os cientistas que foram atacados pela campanha “Por um Brasil livre de transgênicos”, em especial aquele que gastou e gasta seu precioso tempo me explicando sobre vários detalhes relacionados com a biotecnologia, Dr. Walter Colli.

“Biotecnologia” é atualmente um vasto campo científico, incluindo inúmeras e complexas subespecialidades, as quais contribuem, cada vez mais amplamente, para a melhoria da qualidade de vida da humanidade. É o resultado de uma longa evolução técnica, mas sua rápida expansão ocorreu, sobretudo, na década de 1980. Graças a esse avanço, é possível desenvolver plantas transgênicas com maior resistência às secas, alagamentos, doenças e pragas.

Muitas plantas transgênicas já são realidade e evitam, ou pelo menos diminuem drasticamente, o uso de insumos agrícolas, incluindo agroquímicos. Além disso, a biotecnologia vem desenvolvendo plantas transgênicas alimentícias enriquecidas com nutrientes que elevam a qualidade da alimentação nas regiões mais pobres e desnutridas do planeta.

Mas sempre é importante lembrar que a transgenia não se resume exclusivamente à agricultura. Pelo contrário, seu uso se expande continuamente em outras atividades e usos práticos ou científicos. A insulina que muitos tomam e, por isso, sobrevivem à diabetes, é transgênica. Várias vacinas e medicamentos são transgênicos. No momento, várias equipes de pesquisadores em todo o mundo estão arduamente lutando pelo desenvolvimento de vacinas e medicamentos contra o coronavírus (inclusive por meio da transgenia). Sob a tragédia da pandemia do coronavírus,

todos aqueles envolvidos querem ser os pioneiros na oferta de uma vacina eficaz, que interrompa esse drama mundial.

Estes são Doutores favoráveis aos

TRANSGÊNICOS

Eles compõem a

CTNBio

Walter Gallo
Presidente da CTNBio
Professor na USP
wgallo@usp.com

Elana S.F. Wernoch Abdoulay
Especialista em Saúde Humana
e professora UFPA
elab@ufpa.gov.br

André Eugênio Venzozzi
Especialista Área Animal
Professor na Unicamp
andrei@unicamp.br

Maria Lucia Zanidan Siqueira
Especialista Área Animal
Professora na USP
mlsiqueira@usp.br

Edson Faria
Especialista da Área Vegetal
Pesquisador na EMBRAPA
edfaria@cpqrr.embrapa.br

Conceição Paesquist
Especialista em Meio Ambiente
Professor na UFPA
paesquist@ciat.ufpa.br

Patrícia M. Bueno Fernandes
Especialista em Meio Ambiente
Professora na UFPA
patricia.bueno@cpqrr.embrapa.br

Antônio E. Goulard Santana
Especialista em Meio Ambiente
Professor na UFPA
antonio.goulard@cpqrr.embrapa.br

Lia Antonia Barreto de Castro
Ministério de Ciência e Tecnologia
Agricultura, Pecuária e Pesca
liab@cpqrr.embrapa.br

Ronaldo Sérgio Baldo Cordeiro
Especialista em Saúde
Fundação Oronzio Di Girolamo
rdcordeiro@cpqrr.embrapa.br

Francisco José Lima Aragão
Especialista em Área Vegetal
Professor na UCI
frj@cpqrr.embrapa.br

Paulo Paes de Andrade
Ministério de Relações Exteriores
Professor na FAPESP
pandrade@fap.br

Redolfo Bampi
Especialista em Área Animal
Pesquisador na UFRJ e Pesquisador EMBRAPA
rbampi@cpqrr.embrapa.br

Alexandre Lima Regoenceno
Representante em Biotecnologia
Professor na BEL
regol@cpqrr.embrapa.br

José Lúcio de Azevedo
Especialista em Área Vegetal
Professor na UCI e USP
jazevedo@cpqrr.embrapa.br

Aluísio Borim
Especialista da Área Vegetal
Professor na UFPA
borim@ufpa.br

"O que vemos na prática cotidiana da CTNBio são votos pré-concebidos e uma série de artimanhas obscurantistas no sentido de considerar as questões de biossegurança como dificuldades ao avanço da biotecnologia. A razão colocada em jogo na CTNBio é a racionalidade de mercado..."

Dia Lia Giraldo em sua Carta de Desligamento da CTNBio (17/05/07)

CTNBIO - COMISSÃO TÉCNICA NACIONAL DE BIOSEGURANÇA

Por um Brasil Livre de Transgênicos

Mais Informações "Campanha Brasil Livre de Transgênicos"

www.feab.org.br
www.abeef.cjb.net

FEAB **ABEEF - UNE**

A campanha contra os transgênicos buscava atingir a reputação dos cientistas e de suas pesquisas.

Há pelo menos duas décadas, rigorosos relatórios científicos preparados sob os auspícios das mais renomadas academias de todo o mundo, também seguindo estritos cânones das práticas da pesquisa, manifestam categoricamente a segurança dos transgênicos. Estamos há longo tempo nos alimentando e tomando insulina, vacinas e medicamentos transgênicos, sem nenhum efeito deletério. A chamada "salvaguarda da precaução", a esta altura, estaria mais do que assegurada, pois tem sido impossível aos opositores dos transgênicos apontar qualquer dano à saúde e à segurança alimentar.

Curiosamente (e de certa forma inesperada), o final do Século 20 experimentou avanços sem precedentes e extraordinários na ciência, mas também presenciou gradualmente a ascensão das “forças sociais anti-ciência”. Há razões históricas que explicam a emergência desse retrocesso. São promovidas, em especial, por aqueles que propalam diversas teorias autointituladas pós-modernas, as quais se tornaram relativamente populares em várias partes do mundo. Difundem, principalmente pela internet, falsidades e teorias conspiratórias, espalhando o medo, supostamente em nome “do natural” contra “o artificial”. São pessoas e grupos organizados que fingem não enxergar os enormes benefícios da ciência em todas as áreas da vida humana, sendo seletivamente contra algumas tecnologias. A maior parte desses indivíduos, ao passo que desfrutam de inúmeras tecnologias modernas, como *Wi-fi*, *iphone*, ar-condicionado, geladeira e avião, contraditoriamente fazem parte dos movimentos anti-vacina e anti-transgênicos. É um fenômeno social em escala quase mundial e de profunda complexidade explicativa, gerando mudanças de comportamentos sociais, especialmente entre as camadas mais jovens, até mesmo de alta escolaridade, dos países do capitalismo avançado, com particular força nos países da Europa Ocidental e em largos segmentos sociais dos Estados Unidos.

É consenso que, nesta guerra que estamos travando contra o coronavírus, a humanidade precisa desenvolver com urgência vacinas e medicamentos contra a pandemia. Mas também é necessário produzir alimentos nutritivos e em abundância. E essas reações sociais não podem ser menosprezadas, pois são influentes.

No caso dos transgênicos, por exemplo no final de abril a União Europeia deve aprovar a nova Política Agrícola Comum, intitulada “Da fazenda ao garfo” (F2F – “From farm to fork”) e esta inclui diversas ações para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável. E entre tais iniciativas, provavelmente o banimento de sementes geneticamente melhoradas (transgênicas), o que representaria a vitória das ONGs daquele continente sobre o tema. Na prática, se assim for, a agricultura da União Europeia estará condenada a apresentar níveis de produtividade mais baixos do que seus competidores internacionais, em típico retrocesso social.



Plantas geneticamente modificadas ajudam a baratear e tornar mais acessíveis os alimentos.

Críticas sobre o movimento anti-vacina, por óbvio, são dispensáveis. Por isso, atendo-me ao movimento anti-transgênico. Ser contrário ao uso de variedades transgênicas significa concretamente ser também contra o acesso aos alimentos pela grande maioria da população brasileira (de rendas baixas), que foram incrivelmente barateados nos últimos trinta a quarenta anos. A redução do preço dos alimentos somente ocorre por meio do aumento da produtividade agrícola, justamente, o que vem sendo alcançado pela agricultura moderna e, mais recentemente, com

a fundamental contribuição dos transgênicos. Rechaçar os transgênicos é recusar a possibilidade de oferecer alimentos com maiores concentrações de nutrientes aos mais pobres. E evitar os transgênicos irracionalmente é também ser contra vacinas e medicamentos geneticamente modificados.!

Por isso, nessa guerra que ora travamos, em meio à pandemia do coronavírus, posicionar-se contrariamente às vacinas ou aos transgênicos é, concretamente, estar do lado do vírus e da morte. São posturas que somente poderiam ser enquadradas como crime contra a Humanidade.

Não esqueçamos que, há mais de 20 anos, foi lançada entre nós a “Campanha por um Brasil livre de transgênicos”, formada por ONGs nacionais e internacionais. Desde então, seus proponentes vêm repetindo monótona, mas amplamente, a mesma ladainha contrária aos transgênicos. Seus líderes, documentos e ações já “fizeram a cabeça” de muitas pessoas mais desavisadas ou desinformadas que, de forma impensada, às vezes reproduzem a cansativa retórica. Infelizmente, essa “Campanha” obteve algum sucesso no atraso da pesquisa nacional e no uso de importantes produtos transgênicos. Em várias ocasiões, os “anti” atacaram não somente os transgênicos, mas também a reputação de quem os defende, incluindo os mais renomados cientistas brasileiros.

Não tenho dúvidas de que, nesse momento, todos aqueles que se envolveram na “Campanha” ou em ações explicitamente contrárias à transgenia estão quietos e ocultos, suando frio e torcendo para que os mesmos cientistas que sempre atacaram desenvolvam o quanto antes vacinas e remédios contra o coronavírus. E também, sem dúvida, torcem ardentemente para não haver desabastecimento de alimentos a baixo custo, como tem sido uma das dádivas da ciência para o aperfeiçoamento social do Brasil.

Maria Thereza Macedo Pedroso

Engenheira agrônoma, Mestre em Desenvolvimento Sustentável e Doutora em Ciências Sociais.

Artigo publicado em: **Bonifacio**. [homepage]. Disponível em: <https://bonifacio.net.br/o-coronavirus-de-que-lado-estao-os-anti-transgenicos/> Acesso em: 21 jul. 2020,